

Comunicaco apresentada por ocasião
do lançamento de Rita Weirans

ENCHAMOS TUDO DE FUTUROS

O passado já foi.

O presente quando o nomeamos está já a tornar-se passado.

Nomeamos o futuro então como o que ainda não .

 nessa passagem que se pode dizer alguma coisa sobre o tempo.

O tempo só se sente no seu fluir.

Dizemos que ele  sempre um diferencial.  na mudança que se manifesta.

Por isso há uma contemporaneidade entre mais velhos e mais novos quando partilhamos o mesmo tempo do mundo e da história.

Na perspectiva desse caráter diferencial,

o futuro visto de longe, sentido nos "verdes anos" da vida, parece ser palpável.

 o único tempo que nos d a ilusão de um tempo que nos orienta, que está lá.

 assim que eu ouço o desafio da Rita feito a todos os seus contemporâneos, a todos nós:

"Enchamos tudo de Futuros"

Fundaco Cuidar o Futuro

Este desafio ecoa em mim sob três formas.

1. Para enchermos tudo de futuros, não podemos passar indiferentes pelo presente: coisas, acontecimentos, pessoas.

Não  isso que diz a Rita quando termina assim um dos seus poemas?:

"Nesta rua s vejo
Uma cultura de massa

Quem passa não olha
E eu olho quem passa!"

afenta, aleupo
↓
sem essa aleupo
não há vida interior

F.P. – Eu nem sequer poeta sou: vejo!

2. O futuro está tão no hoje que sabemos que temos nas mãos a sobrevivência do planeta.



descobrimo e conhecendo. Muita gente chega ao entardecer da vida sobrevivendo ou só descobrimo tarde essa magia das coisas e das ideias. Talvez Deus tenha chamado a Rita porque, aos 20 anos, ela já tinha "descoberto a fundo o que era".



A Rita lança para cada um de nós, que com ela partilhámos uns breves instantes da história do Universo, o desafio fundamental da nossa fé:

"... este é um tempo de confronto com o acto corajoso de Jesus crucificado e com a certeza de que a vida que vence a morte nos chama a ser presença activa na vida do Mundo. E será que somos?"

A TRAMA DA NOSSA ETERNIDADE

Não há o preparar para a morte. Mas há a presença da morte à nossa vida: Escreveu a Rita:

A esperança, às vezes,
faz-me dar mais um passo em
driecção ao grande abismo,
Desconhecendo esta direcção e
Desconhecendo também quantos
passos darei mais."

"saber escutar o que já veio"

"Saber ter olhos para ver o invisível
e ouvidos p'ra escutar
o que ninguém nos diz..."

"E na noite fria encontrei a magia de um fogo outro,
dentro de mim, dentro do mundo."

Desaparecimento das florestas, aquecimento do clima, subida do nível das águas, inundações de todas as ilhas e zonas costeiras, um mundo com metade dos seus habitantes vivendo como uma condenação à morte vidas de cruel sobrevivência,

- parar este processo de auto-destruição é o futuro no hoje.

A Rita tem uma frase muito forte a este respeito:

"não adianta tentarmos preparar
como os que adiam a vida e só esperam"



3. O futuro é hoje; só trazendo-o até hoje podemos ir para além do tempo inexoravelmente passado do presente.

E o que nos fala do futuro ?

Para mim, a juventude é a irrupção do futuro na nossa vida hoje. Podemos então dizer com o salmo 102 "A nossa juventude renovar-se-á como a da águia". Se enchermos tudo de futuros, viveremos presentes inteiros e plenos.

Não é esse um dos sentidos da vida da Rita como ela no-la revela?

Fundação Cuidar o Futuro

PROCURA DE QUEM SOU

No livro da Rita, há palavras que exprimem a procura do eu. Em alguns momentos dir-se-ia a procura característica de uma jovem atravessada pelas interrogações que nos formam. Noutros momentos, é já a grande questão de toda a existência, qualquer que seja a idade e a fase que atravessamos.

À medida que ia lendo o livro da Rita e as facetas múltiplas da sua personalidade, foi-se acentuando no meu espírito a lembrança das célebres linhas de Rimbaud, escritas também aos 17 anos: "Je est un autre". (Eu sou um outro.)

Na Rita parecem viver esses outros de si mesma.

A Rita afirma o seu gosto pela vida:

"uma paixão e uma admiração incessantes pela vida e por tudo o que faz com que ela valha a pena".

E há o outro desse eu, o que vem de várias maneiras na poesia que escreve:

“Parece que o sol do mundo não nasce nem se põe – nós duramos”
“Não sei mais o que penso acerca das coisas”...

PERTENÇA

Discretamente a descrever a casa dos avós, ela usa a palavra “pertença”.

Pertença também e desde muito nova ao Movimento Católico de Estudantes.

Pertença a todos em quem ela pensa – pessoas e seres que povoam o mundo.

A Rita fou e permanece como um ícone da grande realidade da humanidade que, como dizia Teilhard de Chardin, é uma noosfera, camada de humanos tão interdependentes que estamos ligados uns aos outros como estão ligados os milhões de seres que constituem a biosfera ou as nuvens que parecem fascinar a Rita e que constituem a atmosfera.

Talvez por isso, por essa mesma pertença, a Rita opta tão firmemente pela diversidade.

O que diz da natureza, o que relata da sua vida, tudo aponta para a riqueza do diverso, do diferente, e, por isso mesmo, múltiplo.

Na sua narrativa do Planeta do Amanhã esta percepção é clara:

“O Planeta do Amanhã era muito vasto e heterogéneo, mas, por mais estranho que possa parecer, havia sempre lugar para a diferença e, por isso, fui sempre bem aceite entre os seus habitantes . Lá havia tudo o que é lindo, havia cor, havia sonhos, havia água, havia oito sóis, havia estrelas como nós, havia flores e música, muita música, sempre música.”



A relação entre a beleza e o conhecimento, tão longe que anda nas nossas vidas;
a ideia de que o sonho não tem nada que ver com a vida, que é um não-lugar sem referências com a realidade;
tudo isso é varrido pela intensa convicção da Rita de que beleza e saber se entrelaçam e mutuamente se fecundam:

"... as estrelas têm tanto brilho porque são realmente únicas, porque viajam e voam sem cessar e têm uma memória infundável, incalculável, e é por isso que sabem tantas histórias, e não se cansam de aprender mais, não se cansam de sonhar!"



EU E O MUNDO

Ao partilhar a sua admiração e cumplicidade com Anne Frank, Rita vai até ao fim da comunhão com a jovem alemã. E di-lo da maneira mais profunda:

"todas as privações e todo o medo desenvolvem nela uma estranha capacidade de amar, compreender e aceitar tudo."

do apóstolo diz de

Vem-me ao espírito, neste sofrimento que leva à aceitação plena, as palavras de Paulo sobre Jesus: "aprendeu do muito que sofreu a obediência". Porque obediência não é uma atitude cega que os afectos ou as regras sociais nos obrigam a realizar. É sim essa aceitação que vem exactamente do significado de obediência: "ouvir, estar à escuta".

Não terá essa aceitação tão presente no que a Rita diz uma raiz profunda numa família imersa na música, na capacidade de ouvir todos os sons, mesmo os que ela ouve no maravilhoso hino ao silêncio que canta?

"O silêncio do Planeta do Amanhã era a música,
os risos,
as vozes melódicas e suaves,
o barulho da água a correr
ou dos passarinhos a cantar,

em um silêncio bonito que abraçava e embalava qualquer um. Por isso, ...) neste local, não havia lugar para a exclusão!”

A Rita, na sua confessada admiração por Anne Frank, revela também a sua maturidade. É que, no processo de socialização que é a vida, a escolha de figuras exemplares é uma capacidade indispensável para a própria individuação da pessoa, para se ir tornando quem se é.

Mais, é na capacidade de admiração que reside a grandeza de que a pessoa é capaz.



MUDAR O MUNDO

Atravessa tudo o que está neste livro um desejo constante de mudar o mundo.

É sonho, mas é já acção também.

O rigor que põe na preparação dos encontros do MCE é o mesmo que alicerça o que ela chama sonho. E chama-lhe sonho não pela fluidez dos seus contornos mas porque os sonhos só são reais quando sonhados com muita força:

Fundação Cuidar o Futuro

..".bastava pensarem num mundo com regras diferentes, com paisagens diferentes e desejá-lo com muita força uns para os outros."

"...nunca mais pararam de querer descobrir o seu "sonho", de querer fazê-lo cada vez melhor."

Mudar o mundo... de onde para onde? Para nós que estamos aqui, um ano depois do seu desaparecimento na curva da estrada, damos-nos bem conta de que não será possível construir o futuro se não entendermos bem este presente- passado e os milénios que o precederam.

Na sua história profética "Era uma vez o amanhã", Rita sentiu-se mais sábia, como ela diz e explica porquê:

"Tinha aprendido a importância do passado na construção do futuro."



A admiração da Rita é um encantamento com tudo o que a rodeia, um enamoramento que faz lembrar o salmo !" pg.38

RECADOS PARA OS PROFESSORES

A Rita percebera o que os professores e até os ministros da educação nunca perceberam. Não nos fala da educação em matérias separadas. Ao contar que para ela o avô Sidónio fora o maior exemplo de interdisciplinaridade, ela já sentia que era o passeio entre saberes diferentes que nos faz entender e amar o mundo.

Se pintava, se escrevia contos, se a poesia lhe brotava do espírito, se estudava canto gregoriano, se tirara o curso de música, é porque gostava de tudo e sentia que era no cruzamento de tudo que bate o coração do mundo.

O que fazia – imagino – não era para ser uma menina que “tinha” dons, mas sim para realizar a primeira tarefa que nos torna humanos. Era, como dizia de si mesma a filósofa Hannah Arendt para “compreender”. Por isso escreve: “Tudo o que (...) compreendiam realmente instalava-se no seu cérebro e já não saía de lá.”

Ela pressente que há tarefas novas para os professores, para todos os que têm como profissão (actividade que professam) a formação de novas gerações.

Há o gosto, a beleza do que se compreende. Por isso o que aprendiam “eram letras douradas que liam enquanto as palavras se moviam no ar”.

Esse mundo encantado levava-as para “a sala do professor, onde todas as capacidades que já tinham adquirido eram usadas até à exaustão.”

São raras, raríssimas, as pessoas que desejam que as suas capacidades sejam usadas assim. A Rita, diz-nos o que escreveu, era uma dessas pessoas únicas. E não é um dever, não é um sacrifício, não é uma carga. É o deslumbramento pelo que se vai



PROCURA DE QUEM SOU

Há palavras que exprimem a procura do eu. Em alguns momentos dir-se-ia a procura característica de uma jovem atravessada pelas interrogações que nos formam. Noutros, é já a grande questão de toda a existência, qualquer que seja a idade e a fase que vivemos. À medida que ia lendo o livro da Rita e as facetas múltiplas da sua personalidade, foi-se acentuando no meu espírito a lembrança das célebres linhas de Rimbaud, escritas também aos 17 anos: "Je est un autre". (Eu sou um outro.)

A Rita afirma

"uma paixão e uma admiração incessantes pela vida e por tudo o que faz com que ela valha a pena" .

E há o outro desse eu, o que vem de várias maneiras na poesia que escreve:

"Parece que o sol do mundo não nasce nem se põe – nós duramos"

PERTENÇA

Fundação Cuidar o Futuro

Discretamente a descrever a casa dos avós, ela usa a palavra "pertença".

Pertença também e desde muito nova ao Movimento Católico de Estudantes. Pertença a todos em quem ela pensa – pessoa e seres que povoam o mundo. Ícone vivo da grande realidade da humanidade que, como dizia Teilhard de Chardin, é uma noosfera, camada de humanos tão interdependentes que nos ligam uns aos outros como estão ligados os milhões de seres que constituem a biosfera ou as nuvens de que a Rita tanto fala que constituem a atmosfera.

Talvez por isso, por essa mesma pertença, a Rita opta tão firmemente pela diversidade. E com ela luta –pg.90

EU E O MUNDO

Ao partilhar a sua admiração, cumplicidade, com Anne Frank, Rita vai até ao fim da comunhão com a jovem alemã. E di-lo da maneira mais profunda:

"todas as privações e todo o medo desenvolvem nela uma estranha capacidade da amar, compreender e aceitar tudo."

Vem-me ao espírito, neste sofrimento que leva à aceitação plena, as palavras de Paulo sobre Jesus: "aprendeu do muito que sofreu a obediência". Porque obediência não é uma atitude cega que os afectos ou as regras sociais nos obrigam a realizar. É sim essa aceitação que vem exactamente do significado de obediência:

"ouvir, estar à escuta". Não terá essa aceitação tão presente no que a Rita diz uma raiz profunda numa família imersa na música, na capacidade de ouvir todos os sons, mesmo os que ela ouve no maravilhoso hino ao silêncio que canta?

A Rita, na sua confessada admiração por Anne Frank, revela também a sua maturidade. É que, no processo de socialização que é a vida, a escolha de figuras exemplares é uma capacidade indispensável para a própria individuação da pessoa, para se ir tornando quem se é. Mais, é na capacidade de admiração que reside a grandeza de que a pessoa é capaz.

Fundação Cuidar o Futuro

MUDAR O MUNDO

Atravessa tudo o que está neste livro um desejo constante de mudar o mundo. É sonho, mas é já acção também. O rigor que põe na preparação dos encontros do MCE é o mesmo que alicerça o que ela chama sonho. E chama-lhe sonho não pela fluidez dos seus contornos mas porque os sonhos só são reais quando sonhados com muita força:

..".bastava pensarem num mundo com regras diferentes, com paisagens diferentes e desejá-lo com muita força uns para os outros."

"...nunca mais pararam de querer descobrir o seu "sonho", de querer fazê-lo cada vez melhor."

Mudar o mundo... de onde para onde? Para nós que estamos aqui, um ano depois do seu desaparecimento na curva da estrada, damo-nos bem conta de que não será possível construir o futuro se não entendermos bem este presente- passado e os milénios que o precederam.

Na sua história profética "Era uma vez o amanhã", Rita sentiu-se mais sábia, como ela diz e explica porquê:

"Tinha aprendido a importância do passado na construção do futuro."

ENCANTAMENTO

A admiração da Rita é um encantamento com tudo o que a rodeia, um enamoramento que faz lembrar o salmo 8: " Oh!Deus, como é grande o teu nome por todo o universo!" pg.38

RECADOS PARA OS PROFESSORES

A Rita percebera o que os professores e até os ministros da educação nunca perceberam. Não nos fala da educação em matérias separadas. Ao contar que para ela o avô Sidónio fora o maior exemplo de interdisciplinaridade, ela já sentia que era o passeio entre saberes diferentes que nos faz entender e amar o mundo. Se pintava, se escrevia contos, se a poesia lhe brotava do espírito, se estudava canto gregoriano, se tirara o curso de música, é porque gostava de tudo e sentia que era no cruzamento de tudo que bate o coração do mundo. O que fazia imaginar não era para ser uma menina que "tinha" dons, mas sim para realizar a primeira tarefa que nos torna humanos. Era, como dizia de si mesma a filósofa Hannah Arendt para "compreender". Por isso escreve: "Tudo o que (...) compreendiam realmente instalava-se no seu cérebro e já não saía de lá."

Ela pressente que há tarefas novas para os professores, para todos os que têm como profissão (actividade que professam) a formação de novas gerações.

Há o gosto, a beleza do que se compreende. Por isso o que aprendiam "eram letras douradas que liam enquanto as palavras se moviam no ar".

Esse mundo encantado levava-as para "a sala do professor, onde todas as capacidades que já tinham adquirido eram usadas até à exaustão." São raras, raríssimas, as pessoas que desejam que as suas capacidades sejam usadas assim. A Rita, diz-nos o que escreveu, era uma dessas pessoas únicas. E não é um dever, não é um sacrifício, não é uma carga. É o deslumbramento pelo que se vai descobrindo e conhecendo. Muita gente chega ao entardecer da



vida sobrevivendo ou só descobrindo tarde essa magia das coisas e das ideias. Talvez Deus tenha chamado a Rita porque, aos 20 anos, ela já tinha "descoberto a fundo o que era".

... era o espaço do encontro de si próprio e dos outros.....

....Ela mostrava os maiores medos de cada um, proporcionava grandes desafios e, quando se aprendia a interpretar o que se passava, apontava os caminhos para o fundo de cada um.

...o que dizimou milhões de pessoas foi o seu próprio desespero.

... cedo se deram conta de que se desejassem uma coisa, não para si, mas para a outra, ela acontecia.

...podiam fazer com que os desejos pelos outros fossem realizados, mas não podiam fazê-los voltar atrás, nem desejar ressuscitar pessoas que tivessem apagadas.

Fundação Cuidar o Futuro

"o professor, a única pessoa no planeta inteiro capaz de conhecer os desejos íntimos cada um, de descobri-los sem ter de ler palavras no ar ou ouvir o som da voz."

Cond. Etchagaray

- Kofi / Annan

Fundação Cuidar o Futuro